

M. FRANCISCA STREITEL

TESTEMUNHO DA JUVENTUDE DA IGREJA E DO “MUNDO FUTURO”

(Espiritualidade e compreensão do mistério cristológico em *Maria Francisca da Cruz Streitel*)

Ir. M. Vittorina Marini

1. Introdução¹

«Nunca ousaria conduzir uma alma confiada a mim para onde fui conduzida, sem particular indicação do alto. Ao contrário, exigirei sinais extremamente explícitos. De fato, freqüentemente fico admirada... por não ter perdido, percorrendo esta estrada, o cominho em direção ao Senhor, de ter podido unir-me extraordinariamente a Deus e de haver conservado também o bom senso»².

Estas palavras tão singulares são consideradas uma simples, mas eficaz síntese da vida e da articulada experiência espiritual de Maria Francisca da Cruz (Amália Streitel). Alguns elementos de sua espiritualidade nos ajudarão a dar razão a esta expressão, mas também nos introduzirão em seu modo de seguimento de Cristo (*sequela Christi*), estruturado a partir da escuta obediente da mensagem do evangelho colocado no apropriado contexto histórico-eclesial.

* A pesquisa foi elaborada a partir do *Corpus* dos escritos autobiográficos de F. Streitel, recolhidos em quatro volumes: M. FRANCISCA DELLA CROCE/AMALIA STREITEL, *Lettere a P. Giovanni Francesco Jordan 1883-1885*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2000; ID., *Lettere ai genitori e alla sorella Edvige 1855-1911*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2002; ID., *Lettere a diversi destinatari 1879- 1910*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2005; ID., *Scritti vari e documenti dell'inizi della Congregazione 1883-1911*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2007.

*Abbréviações e Siglas usadas:

LDD= *Lettere a diversi destinatari 1879- 1910*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2005.

LGFJ=*Lettere a P. Giovanni Francesco Jordan 1883-1885*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2000.

LGSE=*Lettere ai genitori e alla sorella Edvige 1855-1911*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2002.

SvD=*Scritti vari e documenti dell'inizi della Congregazione 1883-1911*, Suore della SS.ma Madre Addolorata, Roma 2007.

Novissima Positio= SACRA CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, *Nepesina seuHerbipolen. Beatificationis et canonizationisservae Dei Maria Franciscae a Cruce. Novissima Positiosuper vita, virtutibus et fama sanctitatis*, 3 voll., Roma 2003-2004.

Cf.= Conferir

Ibid= *Ibidem*

ID.= *Idem*

p.= Página, paginas

par.= Parágrafo

²Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 31-3-1883, in LGFJ, p. 99-100, par. 7.

2. O evento cristológico e a vocação de M. Francisca da Cruz

O itinerário espiritual de M. Francisca Streitel se desenvolve num horizonte evangélico, porque ela se confronta diariamente com o Mistério de Cristo, manifestado na Palavra da Sagrada Escritura e na Igreja. Naturalmente, a possibilidade de delinear um panorama completo, fiel e objetivo de seu sentir interior, encontrará mais de uma dificuldade por diversos motivos: O número limitado de escritos recebidos, seu caráter flexível, que não deixa quase nada sistematizado e finalmente a complexa articulação de seu itinerário vocacional.

Sua vicissitude humana e espiritual se apresenta plena de acontecimentos imprevisíveis e lutas interiores, que a obrigam a mudanças inesperadas de programa, conduzida por um desígnio divino cuja trama lógica se desenvolverá ao longo dos anos pouco a pouco. Apesar disto, o fato é que sua vontade sempre esteve firme no desejo de obedecer ao Senhor, a fim de seguir a Cristo em qualquer acontecimento, sem fraqueza ou confusão, torna sua personalidade concentrada em alguns aspectos essenciais do Evangelho. Exatamente esta perseverança obediente que possui o objetivo de conduzi-la em direção a um seguimento de Cristo conforme o ideal franciscano, permite-nos concentrar a leitura de sua experiência espiritual baseando-nos em alguns de seus núcleos fundamentais, continuamente recorrentes no desenvolvimento histórico de seu chamado.

Os textos nos quais podemos colher o maior número de notícias sobre seu carisma, espiritualidade e modo de encarnar o evento de Cristo, são representados por suas cartas, de conteúdo e gênero diversos, endereçadas a vários destinatários. Para nossa pesquisa as mais interessantes são as cartas enviadas a Pe. Giovanni Francesco Jordan, fundador da *Sociedade do Divino Salvador*. Este sacerdote alemão queria que ela visse a Roma em 1883, para dar vida ao ramo feminino de sua nascente fundação, chamada então *Sociedade Católica da Instrução*. Desta correspondência são conservadas 101 cartas. Elas são o testemunho do mundo interior de Francisca da Cruz, de seu percurso espiritual, da modalidade do seguimento de Cristo (*sequela Christi*) a ser concebido com suas coirmãs e das expectativas a respeito da nova fundação. Embora os dois fundadores tenham tomado caminhos diversos muito rapidamente, estas cartas testemunham a genuína intuição de M. Francisca no seguimento de Cristo Crucificado, encarnando sua missão, segundo a modalidade que reflete o ideal apresentado na visão que teve no Carmelo, que a convidava a unir a *vida ativa à contemplativa*. Isto evidencia como a radicalidade de Francisco de

Assis e o seu modo particular de imitar a Cristo, junto ao ideal proposto pela vida carmelita, tornam-se para ele um *meio* necessário para realizar tal chamado³.

Além disto, tendo em vista a pesquisa, foi útil acrescentar ao epistolário, a leitura de certo número de testemunhos de coirmãs e pessoas que a vários títulos a conheceram. Estes documentos foram recolhidos na *Novissima Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis*, redigida em vista de sua beatificação. Tais declarações implicitamente nos ajudaram a completar e confirmar um retrato espiritual de M. Francisca, muito mais articulado e seguramente mais particularizado do que aquele surgido na biografia.

3. A experiência do amor de Deus em Cristo Jesus

Madre Francisca Streitel faz ao longo de seu caminho existencial e vocacional uma experiência de Cristo e do amor de Deus, que percorre todos os aspectos de sua existência. Desejamos reforçar alguns dos núcleos mais significativos e indicativos de sua personalidade espiritual. Desta maneira teremos a possibilidade de compreender o motivo pelo qual esta figura de religiosa do final de 800 e 900 pode representar um testemunho eficaz, tanto para a vida da Igreja, como para os homens e mulheres de nosso tempo. De fato, veremos que sua experiência representa um serviço qualificado e aceito do amor de Cristo, de dedicação ao próximo e uma atenção à verdade sobre o homem em relação ao cumprimento de sua humanidade.

M. Francisca da Cruz faz parte daquele número de cristãos, que viveram radicalmente a mensagem evangélica e por meio dos quais o Espírito Santo tornou presente e atual o Reino de Deus, transformando suas vidas em um espelho de santidade de Cristo e do amor misericordioso de Deus pelo mundo. Falamos daquele amor, que é o núcleo fundamental da fé cristã, e se identifica com a pessoa de Jesus de Nazaré⁴, o Único que pode transformar radicalmente a vida do homem.

³ A seguir apresentamos as biografias disponíveis por meio das quais pode-se aprofundar a figura de Francisca Streitel, fundadora da Congregação das Irmãs da SSma. Mãe Dolorosa da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis: A. REICHERT, *La Serva di Dio Madre Francesca Streitel. Vita ed Opere*, Tipografia Poliglotta Vaticana, Città del Vaticano 1946; M. C. KOLLER, *Walk in Love. Life Mother Frances Streitel Foundress of the Sisters of the Sorrowful Mother*, Franciscan Herald Press, Chicago (Illinois) 1980:Tr. It., *Visione francescana. Vita di M. Francesca Streitel Fondatrice delle Suore della SS.ma Madre Addolorata*, Testo rivisto da T. M. MUELLER, Éditions du Signe, Strasbourg (Francia) 2004; SUORE DELLA SS.M. MADRE ADDOLORATA, *Madre Francesca Streitel Fondatrice delle Suore della SS.ma Madre Addolorata*, Éditions du Signe, Strasbourg (Francia) 2006.

⁴ A propósito, o cardeal Giacomo Biffi sublinha em suas catequeses, que dificilmente se apaixona por um assunto filosófico ou matemático, porque de per se, apesar de sua perfeição, eles não mudam a vida, não dão sentido pleno ao nosso existir e viver. Cfr. F.G. BRAMBILLA, Prefazione, in G. CORINI, *Educati all'amore. Itinerario biblico*, Paoline, Milano 2011, 5.

M. Francisca, fazendo experiência deste amor, aproxima-se da essência da vida divina, que é o Amor, como nos lembra a primeira carta de São João: “*Deu é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele*” (1Jo 4,16) e a ele deseja consagrar sua vida. Uma dedicação dirigida ao Amor divino personificado no Filho de Deus encarnado, que manifesta à humanidade a dimensão da comunhão e da misericórdia como essência de Deus. Neste modo de ser M. Francisca descobre sua vocação, sua tarefa, seu destino, encontrando na “*Sequela Christi*” a resposta à busca de sentido contida no coração de cada ser humano.

A análise dos escritos evidencia que seu percurso espiritual e a conseqüente busca de uma plena comunhão com Cristo, não deriva de uma elaboração intelectual ou duma ideologia, mas brota da experiência cotidiana do evento cristológico. Ou seja, do contínuo contato espiritual com uma figura bem definida, que é aquela de Cristo Jesus, na expressão de seu amor, de seu sacrifício e do mistério de morte e ressurreição. O Filho de Deus encarnado, crucificado e ressuscitado é a perspectiva através da qual M. Francisca faz próprio o amor misericordioso de Deus, comunicando-o ao próximo por meio de sentimentos e ações de fraterna caridade.

O encontro com Cristo não permanece nela como um dado superficial ou um simples ideal, ma se transforma em uma vivência dinâmica e vital de uma intensa vida espiritual sob a ação do Espírito e da obediência à Igreja. Para ela torna-se prioritário a escuta do Evangelho, a participação na liturgia e a vida sacramental à qual corresponde: um profundo amor à eucaristia, sólida devoção cristológica, a imitação dos santos e uma ardente devoção à Bem Aventurada Virgem Maria. Todas estas manifestações de sua personalidade espiritual concorrem a conduzi-la cada vez mais em direção ao encontro pessoal com o Redentor da própria vida do mundo. A comunhão com Cristo se manifestará principalmente por meio da adesão obediente à economia salvífica, que se desdobra por meio da kenosi do Redentor, que vai da encarnação até sua paixão, morte e ressurreição.

M. Francisca intui, de modo incontestável, que Jesus Cristo é aquele que responde às expectativas e aos desejos da pessoa humana, até mesmo para aquela mais distante de Deus, enquanto Unigênito Filho de Deus é o centro de todo ser humano.

Tal intuição provem de sua experiência pessoal. De fato, Francisca da Cruz experimenta a partir da própria existência como Cristo é aquele que possui em si o ser de todo homem, enquanto realidade absoluta, última e definitiva na qual a liberdade humana encontra sua plenitude. O aproximar-se desta verdade torna-a consciente que o dom de sua vida é o único ato de convincente resposta e de natural reconhecimento do Amor de Deus que a precedeu. Portanto, a decisão inflexível de tornar continuamente atual e operante em sua vida esta plenitude de comunhão com

Cristo, que a graça concede a todos quantos se entregam à potência do Amor divino, não será que o abandono adequando ao desígnio divino. Todo seu espírito se orienta à assimilação da Palavra do Evangelho para participar com o Redentor do desígnio da salvação, partilhando sua própria missão marcada pela obediência ao Pai.

Suas cartas nos fazem intuir claramente como este caminho em direção a Cristo, é realizado pela graça operante nela, mas também pelo resultado de um profundo empenho, de uma ilimitada “*luta interior e de uma conquista cotidiana*”⁵. Sua alma é totalmente dedicada à dinâmicas de conversão, de purificação e aperfeiçoamento interior, para crescer na medida de Cristo e adequar todas as dimensões de sua pessoa. A união constante com a graça transformante de Deus, resulta em torná-la uma nova pessoa, distante de qualquer compromisso com o pecado.

M. Francisca, no estilo belo e fluente de suas cartas, descreverá plasticamente a experiência da transformação de sua humanidade em Cristo como o *ressurgir do lado do Redentor*.

«Desejo pedir e suplicar ao meu Amor Crucificado de aniquilar-me e deixar-me ressurgir na santa chaga de seu lado. Que o amor crucificado possa gerar-me e fazer-me morrer a tudo o que não é de Deus; viver, sofrer e agir apenas nele, fonte de todo bem»⁶.

Ela compreende, desta maneira, o passo absolutamente indispensável para um verdadeiro discipulado, representado pela disposição da alma em acolher e deixar-se transformar pelo Reino de Deus que vem. A partir do encontro com Cristo Crucificado a norma fundamental de sua vida será constituída pela afirmação: “*Deus e sua vontade colocados acima de tudo*”. Por isso, a experiência de Deus e do seu amor são por ela vividas na extrema disponibilidade de adequar-se progressivamente ao definitivo projeto de Deus. Um desígnio divino, que para ela consistirá em dar início a uma nova fundação segundo o espírito de Francisco de Assis, experimentando junto a presença constante de Deus e de seu Espírito e a consciência da fragilidade da natureza pecadora.

Com esta disponibilidade a uma obediência cada vez mais radical, ela se dispõe à ação do Espírito, graças à qual adéqua o projeto divino, sua atividade, seu caráter, suas opiniões, sua concepção de mundo e até mesmo o modo de servir a Deus. De fato, os acontecimentos de sua vida testemunham um refinamento progressivo de sua sensibilidade à obra da obediência, que exige uma completa purificação da alma, a fim de compreender cada vez melhor os planos de Deus a respeito da nova fundação. Então, para Francisca da Cruz, o cumprir a vontade de Deus significará assumir

⁵Cfr. CARD. C. CACCIA DOMINIONI, *Prefazione*, in A. REICHERT, *La Serva di Dio madre Francesca Streitel. Vita e opere*, Tipografia Poliglotta Vaticana 1946, 7.

⁶ Lettera di M. F. Streitel a Mons. Anton De Waal, del 30-3-1885, in LDD, p. 188, par. 3.

em meio a grandes mudanças, novas tarefas e novas obrigações, reguladas pela graça e pela Palavra do Evangelho. Um caminho de missão, que freqüentemente a conduzirá a ter que aceitar o serviço da autoridade, junto a um aparente abandono da *última localidade*, em direção à qual o desejo da *imolatio Christi* a chama constantemente.

«[...] Nesta manhã tive também muita luz sobre o fato que, se o Senhor nos indica uma tarefa por boca de seu representante, é necessário aceitá-la com humildade e silêncio, tendo sempre presente a própria indignidade, sem a necessidade de desejar continuamente disfarçar-se, porque isto é simplesmente o sinal de grandíssima imperfeição»⁷.

Na prática a obediência a conduz continuamente em direção a uma nova organização de vida segundo o significado do amor, que é abertura do coração e da mente a fim de guardar a Palavra de Deus e assumir seu conteúdo de modo radical⁸. O objetivo explícito deste caminho interior será aquele indicado pela graça: encarnar a virtude da santa humildade do Filho de Deus, para cooperar na missão como testemunha radiante de sua presença.

A direção da metanoia em M. Francisca pode ser considerada um dos componentes mais importantes de seu itinerário ascético, graças à qual, sua pessoa guiada à união com Deus, faz experiência do fluir da graça no coração humano. Ao foco do amor de Deus Francisca da Cruz consuma todo seu amor próprio e suas imperfeições, para que a graça a torne *semelhaníssima* a Cristo, humilde, pobre, doce e manso de coração.

A transformação de sua existência à luz da Palavra de Deus, meditada com inflexível tenacidade, terá a finalidade de orientar o caminho espiritual de M. Francisca a abraçar a *loucura da cruz*⁹. Uma loucura sobre a qual orientam o olhar exatamente aqueles que rejeitaram a inteligência dos sábios deste mundo.

4. No sinal da encarnação e da paixão do Senhor Jesus Cristo

⁷Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 27-3-1883, in LGFJ, p. 91-92, par. 2. Cfr. Anche la Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 10-4-1883, in LGFJ, p. 107, par. 5: «O sacerdote do Senhor deu-me seu conselho com tanta calma e clareza: por um lado teria podido seguir todas estas aspirações interiores que teria distanciado do pecado e do mundo, mas, por outro lado, terei que guiar-me pela santa obediência, a ponto de não exitar em sacrificar qualquer outro desejo no lugar dela».

⁸ Tal atitude de M. Francisca tem como referência explícita Francisco de Assis, que M. Francisca tomou como modelo de amor a Jesus e à Igreja.

⁹ «Os judeus pedem milagres, o gregos reclamam a sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos; mas para os eleitos – quer judeus quer gregos – força de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» *1Cor* 1, 22-25.

A espiritualidade de M. Francisca Streitell, como compreendemos, a partir destas primeiras observações, desenvolve-se e concentra-se de modo orgânico e preciso em torno ao Evangelho da Cruz. Seu olhar se fixa no Mistério Pascal, considerado a partir do processo de *esvaziamento* do Verbo Encarnado, ou seja, o seu ser reduzido e submetido à pobreza da condição humana, ao sofrimento da paixão e da morte de cruz em favor de nossa salvação (*pro nobis*). M. Francisca volta sua atenção de fé exatamente para este “*esvaziamento*” do Filho de Deus descido entre os homens para obedecer aos desígnios salvíficos do Pai, até o extremo dom de si mesmo.

Seus escritos são extremamente ricos de referências cristológicas e envolvidos sensivelmente na contemplação dos mistérios da vida de Cristo em suas diversas facetas: sua realidade terrena, sua obediência, sua encarnação, sua paixão, humilhação da Cruz, ressurreição¹⁰, eucaristia¹¹, Igreja e todo homem recriado por Deus¹².

Em certas circunstâncias comunica suas reflexões espirituais aos destinatários de suas cartas, procurando transmitir sua experiência do mistério de Deus a partir de Cristo. Tais comunicações assumem formas estilísticas diversas: orações de louvor, exortações, manifestações do estado de sua alma, visão da vida do corpo eclesial, descrição da condição do homem e do mundo. Sua intenção final permanece aquela de render glória a Deus, testemunhando à humanidade seu Amor Salvífico e sua presença no mundo. Por isso, toda dimensão da *vida de Cristo* será necessariamente vista como abertura a Deus para o bem do *Corpo eclesial*, distante da lógica de uma restrita visão individualista.

«Presépio e cruz, como sabemos, devem ser novamente apresentados, com todos seus méritos, aos homens de hoje. Por meio de almas estritamente unidas ao Senhor, novas fontes de graça serão abertas aos homens, graças à pobreza e ao amor da cruz, para restaurar a humanidade com a água da salvação (cfr. Is 12, 3)»¹³.

M. Francisca da Cruz atraída pelo mistério do Verbo encarnado descreve nas cartas, com sensibilidade profunda, também aspectos das relações trinitárias presentes nas reflexões sobre os evangelhos: como a relação do Filho com o Pai na dimensão da missão terrena, a comunhão com o Espírito Santo e o amor pelo homem pecador de redimido. Na tentativa de aproximar da

¹⁰ A dimensão da ressurreição está incluída no complexo do Mistério Pascal, por isso, temos poucas recorrências do termo; ao contrário, encontramos abundante referência ao termo *alegria*, encontrados 116 vezes em seus escritos.

¹¹ As referências ao mistério eucarístico são abundantíssimas em seus escritos, como são também os testemunhos a respeito de sua forte devoção ao Santíssimo Sacramento.

¹² Lettera di M. F. Streitell a Giovanni Francesco Jordan, del 4-12-1883, in LGFJ, p. 187, par. 2.

¹³ Lettera di M. F. Streitell a Giovanni Francesco Jordan, del 10-4-1884, in LGFJ, p. 253, par. 3. Por de trás destas palavras aparece o conceito cristão de que as almas que se unem a Cristo tornam-se fonte de graças aos outros.

compreensão íntima e misteriosa relação das Três pessoas divinas, revelada pelo Redentor no desígnio da salvação, tem presente de modo criativo os diversos títulos que a Igreja na sua secular tradição conferiu a Cristo.

Apresentamos a seguir alguns destes títulos tirados diretamente de seus escritos. M. Francisca referindo-se a Cristo em relação ao Pai, ao Espírito e à Unidade dos Três na essência divina, fala dele como: Filho de Deus¹⁴, O Menino divino, o Verbo Encarnado¹⁵, Cordeiro de Deus¹⁶ e Homem Deus¹⁷. Apresentando-o em relação aos homens e à sua função em para com eles, Chama-o: Mestre Divino¹⁸, Caminho, o Salvador Crucificado¹⁹ (De que não precisa nunca afastar-se), o Forte²⁰, O eterno Mestre Artesão²¹, Aquele que se faz pequeno e pobre²² (com clara referência à encarnação e à cruz), O Esposo²³, Amado do coração²⁴, Amor Crucificado²⁵, O Destino do homem no tempo e na eternidade²⁶.

A espiritualidade de M. Francisca, como podemos perceber, possui claras conotações cristocêntricas²⁷, e sua existência comunica continuamente, de modo místico, a vida e os sofrimentos de Cristo. De fato, desde o início de sua experiência espiritual ela demonstra ter uma grande consideração pelos aspectos humanos do Redentor refletindo sobre eles em uma perspectiva trinitária e histórico salvífica, uma atitude típico de Francisco de Assis²⁸,

¹⁴ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 25-3-1883, in LGFJ, p. 88, par. 3.

¹⁵ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 25-12-1884, in LGFJ, p. 258, par. 1-2.

¹⁶ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 18-3-1883, in LGFJ, p. 84, par. 5.

¹⁷ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 10-4-1884, in LGFJ, p. 253, par. 3. (Neste caso M. Francisca contempla a união hipostática na pessoa do Verbo divino a partir das feridas da paixão).

¹⁸ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 12-7-1883, in LGFJ, p. 122, par. 3.

¹⁹ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 1-1-1884, in LGFJ, p. 223, par. 4.

²⁰ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 2-9-1883, in LGFJ, p. 140-141, par. 3.

²¹ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 13-11-1883, in LGFJ, p. 171, par. 2. Cfr. Mt 13, 55; Mc 6, 3. (Aqui Jesus é visto em sentido figurado como aquele que restaura, suaviza e dá um novo esplendor e nova fineza às almas destinadas pelo Senhor a preparar seus caminhos). Cfr. Lettera di M. F. Streitel Giovanni Francesco Jordan, del 11-4-1884, in LGFJ, p. 252-253, par. 2. (Cfr. Is 40, 3; Mt 3, 3; Mc 1, 76; Lc 1, 76; 3, 4); Lettera di M. F. Streitel Giovanni Francesco Jordan, del 5-12-1883, in LGFJ, p. 191, nota 12; Lettera di M. F. Streitel Giovanni Francesco Jordan, del 22-12-1883, in LGFJ, p. 208, nota 21.

²² Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 23-12-1883, in LGFJ, p. 209, par. 1.

²³ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 25-3-1883, in LGFJ, p. 88, par. 3.

²⁴ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 18-3-1883, in LGFJ, p. 81, par. 1. Nesta expressão encontramos uma clara referência ao Cântico dos Cânticos.

²⁵ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 28-3-1884, in LGFJ, p. 251, par. 5. Nestes últimos títulos fica evidente a dimensão sponsal em sua espiritualidade, como é apresentado em Clara e Francisco de Assis.

²⁶ *Norme* di M. F. Streitel, del giugno 1883, in SvD, p. 46, norma 103, par. 2. Neste caso M. Francisca usa uma paráfrase para exprimir o aspecto que Cristo é o Alfa e o Ômega. A definição *Normas* dadas aos escritos do 1883-1911, é atribuída pelo Pe. Aquilino Reichert, O.F.M. Conv. (1889-1968) primeiro postulador da Causa de Beatificação da Serva de Deus Madre Francisca Streitel.

²⁷ Com a qualificação cristocêntrica procura-se revelar apenas o lugar especial que Cristo ocupa na espiritualidade de Madre Francisca; com isto não se pretende negar que haja uma referência direta ao mistério Trinitário do Pai e o Espírito.

²⁸ Todavia, como afirma L. Iriarte, São Francisco «não foi o iniciador desta piedade baseada nos aspectos humanos do Redentor. Antes dele temos testemunhado em São Bernardo e nos mestres da escola de São Vitor, que a demonstraram

«[...] As chagas do Senhor são nossa esperança, mas lembremos também das chagas dos santos, enquanto continuação das chagas do Redentor; estas são as mais sublimes união de amor com o Deus de suas almas, e isto manifesta claramente “a transformação em Cristo”²⁹».

4.1. Amor à santa humanidade de Cristo “*sinai dos tempos*” para a Igreja moderna

De qualquer maneira, este último aspecto da experiência de M. Francisca da Cruz deve ser colocado em seu contexto histórico-ecclesial, sem minimizar o componente inspirativo-carismático de sua vocação³⁰. Na espiritualidade da segunda metade do século XIX, a veneração à humanidade de Cristo, fazia parte dos *sinai dos tempos*. De fato, o século no qual Streitel vive sua façanha vocacional é caracterizado pelo reflorescer bíblico e pela luta da Igreja Católica em recuperar o Cristo dos Evangelhos, na tentativa de «reconstruir» o verdadeiro Jesus da Bíblia em lugar do falso «Jesus» tornando-se a moda entre os filósofos e literatos e escritores do século³¹.

Na época, para a Igreja, era exigência prioritária sublinhar a realidade histórica de Jesus aos fiéis, por tal motivo, freqüentemente na pastoral contemplavam-no como menino, como pequeno, como criança, como alguém envolvido nas vicissitudes da vida, como Bom Pastor de incita misericórdia, como Redentor em sua paixão e morte. A consequência de tal pregação foi o aumento da afirmação das devoções «cristocêntricas» juto ao povo cristão, como podemos ver em M. Francisca e em suas coirmãs. Nestas práticas de piedade, honravam-se todos os mistérios da vida terrena do Senhor, portanto, o séc. XIX conhecia um grande número de devoções, como por exemplo, aquela ao Jesus menino (da qual M. Francisca era particularmente devota desde criança), à Sagrada Família, ao Bom Pastor, à Sagrada Face (difundida especialmente na França), ao

em suas experiências místicas. Mas com ele irrompe o subjetivismo humanístico, fazendo vibrar com um novo fervor religioso aquela sociedade ansiosa em afirmar a si mesma em toda sua manifestação humana». Cfr. L. IRIARTE, *Vocazione francescana. Sintesi degli ideali di san Francesco e santa Chiara*, EDB, Bologna 2006⁴, 60.

²⁹Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del dicembre 1883, in LGFJ, p. 203, par. 5

³⁰ Cfr. Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del dicembre 1883, in LGFJ, p. 216-217, par. 3: «Acrescento um pedido que refere-se ao nosso amor comum, o Deus sacramentado. Revmo. Padre, desejo pedir-lhe que faça a Deus, sob as espécies do pão, a promessa de que não apenas Ele se fará presente entre suas filhas espirituais, de adorá-lo por turno, uma depois da outra, dia e noite, fazendo-se a mudança ao soar de cada hora. Cada hora deverá ser consagrada a um dos segredos do Amor encarnado. Em um primeiro momento, por exemplo, será adorado particularmente o Precioso Sangue, em outra hora o Sagrado Coração, numa terceira hora as Chagas do Redentor. Nunca, até o dia de hoje tinha pensado em coisa semelhante [...]. Estou firmemente convicta que fazendo isto os irmãos e irmãs de nossa Sociedade receberão a graça particular de poder fazer “tantas coisas grandes” para a expansão e a reconquista do Reino de Cristo sobre a terra». As palavras de M. Francisca sobre o fato de não ter nunca pensado em coisa parecida, recorda-nos o que disse H.U. Von Balthasar sobre adoração: «A adoração não é um ato livre, que a criatura decide em base a uma reflexão. Ela se impõe no momento em que o amor eterno, no seu misterioso ir ao encontro dos homens, dá-nos um vislumbre de sua inefável presença».ID., *Elisabetta della Trinità. La dottrina spirituale*, Ancora, Milano, 90

³¹ Cfr. E. RENAN, *La Vie de Jésus* (1863), Trad. it. *Vita di Gesù*, Rizzoli, Milano 1992

Preciosíssimo Sangue etc. Junto a tais práticas de piedade assume um lugar relevante na espiritualidade do séc. XVIII, também um abandono à Providência de Jesus Misericórdia.

O resultado obtido pela Igreja foi aquele de instaurar entre os fiéis um tipo de religiosidade e uma atitude espiritual em viva oposição ao Racionalismo e ao Protestantismo³².

5. A “*Marca de Cristo*” sobre a humanidade e sobre o mundo

Desejando aprofundar o modo com o qual M. Francisca Streitell experimenta a singular comunhão com Jesus, devemos considerar a especial atração que exercia sobre ela o mistério salvífico da Redenção. Trata-se de um chamado tão forte a ponto de fazer com que ela veja todos os acontecimentos da vida como sacramento da presença vivificante de Deus e porta de acesso ao próprio mistério do Salvador, que ela se sentia chamada a participar acolhendo a graça transformante de Cristo.

A terminologia presente em seus escritos descreve de forma radical a necessidade desta experiência de profunda configuração a Cristo. Por isso, em seu epistolário não oferece nunca uma idéia de imitação de Jesus superficial e indefinida; ao contrário, o termo *imitatio (nachahmen)*, é introduzido no sentido de imitar os santos em seu amor a Cristo (por exemplo, Francisco e Clara de Assis³³). Em tal afirmação não há nada de incorreto ou de singular, porque São Paulo já declarava aos fiéis de “fazerem-se seus imitadores” no expressar o amor a Cristo.

M. Francisca prefere a expressão capaz de transmitir a certeza de um Deus pessoal que se faz “Tu” para cada ser humano e especialmente para a alma que o ama, à qual pede escuta e acolhida. Às vezes M. Francisca deixa escapar algo de seu chamado radical, pessoal e íntimo da *secula Crucis*. Trata-se de breves considerações, que possuem a intenção de manifestar a seus interlocutores, não tanto o movimento de sua alma, mas a excelência do discipulado, que para ela consiste em não desviar nunca o olhar para o Redentor, persegui-lo onde quer que vá.

O uso do termo “seguir”, em suas cartas, está estritamente ligado ao “*escândalo da Cruz*”³⁴ e vem integrado pela expressão indicativa da radical disponibilidade exigida ao discípulo (M. Francisca) a deixar-se modelar, para que se realize nele uma nova criação a partir da ação redentora de Cristo. Confirma o conceito, acabado de indicar, algumas expressões que freqüentemente se

³² Cfr. L. BORRIELLO - G. DELLA CROCE - B. SECONDIN, *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, Borla, Roma 1985, 86-94.

³³ Lettera di M. F. Streitell a Giovanni Francesco Jordan, del aprile 1883, in LGFJ, p. 105, par. 3.

³⁴ Lettera di M. F. Streitell a Giovanni Francesco Jordan, del 28-1-1884, in LGFJ, p. 238-239, par. 3.

repete em seus escritos epistolares, eles são às vezes referida a si mesma, outras vezes às coirmãs e ainda aos interlocutores casuais. As expressões das quais falamos são: “*transformação em Cristo*”, “*Configuração a Cristo*”, “*Configuração à sua cruz*”, “*semelhança a Cristo*”, “*união de amor a Cristo*”, ou ainda, “*união com seus sofrimentos para ser participe da ressurreição*” etc.

À luz do Espírito Santo, Francisca Streitl reconhece e experimenta no desenvolver de suas ocupações humanas e espirituais, que *tudo (a humanidade e o mundo) carrega a marca de Cristo e da cruz*. Acima de tudo sua própria pessoa é iluminada e transformada pela cruz, tanto que a única razão de seu existir parece ser o prolongamento do sacrifício do Crucificado:

«O Senhor faz com que tudo se configure à cruz e suas cinco marcas de amor será impressa profundamente na alma, para que não lhe falte a semelhança com a imagem perfeita de “Cristo”³⁵ e com o “modelo São Francisco” na morte»³⁶.

M Francisca escrevendo a Mons. Waal imprimirá mais claramente este conceito: «*O livro do qual tiro meu exercício espiritual é a cruz*»³⁷.

A partir de tudo que dissemos, podemos afirmar que seu ideal de *serviço missionário* na vida religiosa, não consiste tanto em responder a uma necessidade social; mas ao contrário, no aspirar e realizar concretamente uma renovação da vida cristã, religiosa e presbiteral. Sua missão pode ser descrita principalmente como *estar à disposição* de Deus para que cada homem renasça em Cristo por obra do Espírito e corresponda à vontade de salvação do Pai. Mas como a Igreja se renova na perfeição de cada indivíduo, M. Francisca considera a conversão pessoal e comunitária a maneira mais adequada para tornarem-se testemunhas *semelhantes* ao Crucificado, em favor de todo o corpo da Igreja³⁸. Todavia, Streitl permanece lucidamente sabedora que estar plenamente conformado a Cristo permanece um dom da graça sobrenatural, participada por todos que livremente aceitam deixar-se transformar por Deus, para ser enxertados no grande desígnio da salvação.

³⁵M. Francisca expressa o sentido de ser conformado à imagem do Filho Unigênito do Pai. Cfr. *Rm* 8, 29.

³⁶ Lettera di M. F. Streitl a Giovanni Francesco Jordan, del 12-7-1883, in LGFJ, p. 121-122, par. 2.

³⁷ Lettera di M. F. Streitl a Mons. Anton De Waal, del 30-3-1885, in LDD, p. 188, par. 3. A Serva de Deus escreverá também a Pe. Jordan: «O grande seráfico pai não estaria muito contente se seus seguidores, isto é, aqueles que têm a coragem de conformar-se ao seu exemplo e ao de sua grande filha Santa Clara, vivessem tranquilos e plenamente em paz. Não, também nós como nosso santo Pai e nossa grande Mãe, desejamos abraçar a cruz com amor e alegria e procurar como nossa única alegria aquela de ser dignas de sofrer por nosso tão bondoso Deus ». Lettera di M. F. Streitl a Giovanni Francesco Jordan, del febbraio 1883, in LGFJ, p. 46, par. 1.

³⁸ «A renovação espiritual não é uma façanha intimista, mas envolve toda a Igreja. [...] A renovação espiritual, portanto, possui um movimento de Igreja: como o pecado prejudica o corpo e todas as suas partes, assim a graça faz sentir seu benefício influxo. [...] A graça de Cristo flui na medida em que o Espírito de Deus é acolhido pelos que creem» F. ASTI, *Teologia della vita mistica. Fondamenti, dinamiche e mezzi*, LEV, Città del Vaticano 2009, 255.

«Meu pai, devemos continuar a pedir ao Senhor para que nos transforme em si, [pedir] que nos plasme segundo a imagem de sua redenção³⁹, e suas chagas, de suas dores e de sua cruz»⁴⁰.

5.1 A cruz, mistério de amor e de dor em oposição ao pecado do mundo

No Crucifixo M. Francisca vê desdobrar o desígnio da salvação, da redenção, da misericórdia de Deus, como oposição ao pecado do mundo e a oferta da filiação divina (em Cristo o homem torna-se filho de Deus). Streitel sente-se chamada a encarnar com a ajuda da graça este mistério de amor e de dor manifestado pela cruz, na qual o próprio amor é a substância desta dor divina. Por este motivo, vive sua vocação como contínua procura da comunhão com Deus, cultivando uma atitude de radical recusa ao pecado, por meio de uma luta contra aqueles aspectos da própria natureza não orientados ao bem e não conforme a uma verdadeira vocação. Por outro lado, visto que a multiforme graça de Deus se manifesta em estreita colaboração com a pessoa humana, ela se aplica a viver de maneira singular a obediência, a pobreza, a humildade e o desprezo di si mesma.

O combate espiritual sustentado com firmeza chama a atenção para algumas atitudes cultivadas na tradição da espiritualidade carmelita, que Francisca da Cruz pode considerar e viver pessoalmente no período de permanência no Carmelo de *Himmelsporten*⁴¹. De fato, o carisma carmelita, supõe uma vida espiritual como uma “luta”, um submeter-se obediente à dinâmica pascal de morte e ressurreição⁴².

Em suas cartas M. Francisca introduz este necessário combate da fé paragonando a si mesma com a figura do *soldado em arma*, usufruindo de modo bastante recorrente à linguagem militar também presente metaforicamente nas cartas paulinas. O vigor do *Miles Christi*⁴³, é evocado com a idéia de preparar-se para combater uma “luta acesa”, contra a imperfeição e as “tempestades desconhecidas” provocadas pelos espíritos das trevas, de modo a confirmar o Reino de Deus, antes de tudo na própria alma. Sabedora de que durante a vida será chamada a conduzir uma verdadeira e

³⁹ M. Francisca era uma assídua leitora da Sagrada Escritura e freqüentemente em seus escritos encontramos referências explícitas ou indiretas da Bíblia, como neste caso: cfr. Rm 8, 29; 2 Cor 5, 17; Cl 1, 15; 3, 10.

⁴⁰ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del dicembre 1883, in LGFJ, p. 212, par. 3.

⁴¹ «Entrei no Carmelo com a idéia de servir ao Senhor da maneira mais perfeita possível, com uma vida de reclusão e de absoluta obediência» Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 31-3-1883, in LGFJ, p. 98, par. 3.

⁴² CASTELLANO CERVERA J., *L'ascesi cristiana come evento pasquale*, in *Ascesi cristiana*, Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum, Roma 1977, 285-303.

⁴³ Come si nota con tale espressione M. Francesca non vuole incarnare un ideale cavalleresco, quello che talvolta il primo biografo di S. Francesco fa intravedere nella *sequela Christi* del Santo (anche se oggi viene contestata l'esagerazione che se ne è fatta), ciò che desidera è piuttosto introdurre un necessario atteggiamento ascetico.

própria luta espiritual para atingir a realização de sua vocação, com firmeza reveste-se da “*armadura de Deus*”, cujas armas são identificadas no poder da pobreza, “*fortaleza bem equipada que circunda a alma do fiel e na Santa Cruz, “alma pobre” mas, capaz de abater o inimigo*”⁴⁴.

Para M. Francisca isto equivale a viver radicalmente a graça, em humildade, em pobreza e em obediência, virtudes consideradas caminhos para realizar a justa relação com Deus e com o próximo, visto que elas dão uma visão pura sobre o mundo e liberam do desejo de qualquer forma de concupiscência. Em uma palavra, a adesão ao caminho de conversão, para M. Francisca, é a resposta grata a Cristo que usou de misericórdia, amou-a e a redimiu. A Ele e à sua missão dedica todos os movimentos de sua liberdade, da sua vontade e cada desejo mais íntimo, para conduzir a Deus todos os que a divina misericórdia lhe confia, especialmente os pecadores.

Por amor a Deus e ao próximo exercita sobre sua vontade certa forma de violência, com a finalidade de tornar-se dócil à divina Palavra e ao insondável abismo do amor de Deus. Uma luta interior que se estabelece à luz da Sagrada Escritura, da qual colhe conforto e clareza para reler os acontecimentos de sua vida. Dirá um dia, lembrando a dura batalha pelo Reino que a espera: “*Desde os dias de João Batista até o presente, o Reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam*” (Mt 11,7-10.12)⁴⁵.

O combate espiritual, que vemos plenamente realizado nela, é uma disposição acética bem conhecida pela tradição da Igreja e praticada desde o início pelos crentes. Os Padres do deserto tinham grande apreço e evidenciavam o conteúdo deste combate, afirmando que ao cristão é permitido falar de “*violência*” só quando fizer referência ao próprio “*eu*”, com a finalidade de promover um crescimento na vida espiritual; portanto, nunca dirigida ao próximo. De fato, os Padres pensavam que «o “lutador” descobre aos pouco que a luta é contra algo que está dentro de si mesmo», logo, *a fuga do mundo* não pode ser fuga de alguém ou de alguma coisa, mas é exatamente uma luta contra algo que habita constantemente a pessoa humana. A luta acética é contra o mal que habita no homem e o marca⁴⁶.

⁴⁴Cfr. Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 6-3-1883, in LGFJ, p. 63, par. 1. Apresentamos de maneira íntegra o texto que nos interessa: «a santa pobreza é uma fortaleza bem munida, com uma segura defesa e um corajoso alinhamento. O inferno poderia relatar quais sacrifícios e batalhas já lhe causaram e ainda não conseguiram dominá-la. Se até mesmo os covardes desta augusta fortaleza passassem para o lado do inimigo, se também por algum tempo fosse estabelecido repreensíveis acordos de paz com o inimigo de sempre, novamente, depois deste período vergonhoso, surgiriam combatentes que com o armamento da pobreza, de cara limpa, se levantariam contra o inimigo capital da “soberbia, da sensualidade e de seus seguidores”⁴⁴ venceriam-no com uma arma pobre, mas capaz de abater: a Santa Cruz. Possa o Senhor ser glorificado também agora, em uma época em que até mesmo os bons quase não conhecem mais o caminho da renúncia e onde o “iluminismo” reina “nas trevas” da alma»*Ibidem*.

⁴⁵Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 28-1-1884, in LGFJ, p. 238, par. 2.

⁴⁶ Cfr. S. CHIALÀ, *La vita spirituale nei Padri del deserto*, Il pozzo di Giacobbe, Trapani 2006, 27-29.

Das cartas de M. Francisca emerge a firme convicção da contribuição determinante da ação do Espírito Santo nesta batalha. Ele é aquele que verdadeiramente combate esta luta interior, para que a pessoa possa vencer a fraqueza de sua vontade e atingir a purificação dos movimentos contrários à ação divina da graça. De fato, tal luta tem sentido somente se atingir vitoriosamente a profundidade do coração humano dispondo-o a acolher a ação de Deus.

Surge assim, do centro da vida espiritual, o desejo de contemplar a verdadeira face de Cristo, da qual ela aprecia toda beleza, seja aquela escondida do Servo Sofredor de Jahwé, como aquela radiante de luz do Ressuscitado. Sua vida testemunha que o Redentor lhe dará não uma imagem mental, um vago sentimento ou uma romântica afeição à sua pessoa divina, mas a experiência mística de seus próprios sentimentos de amor e de dor pela humanidade decaída. O coração, em uníssono com o de Cristo, sofrerá por amor ao pecador necessitado de salvação, que perdeu Deus como centro de seu existir e de sua maneira de agir.

6. O humilde e pobre Verbo da Cruz

Uma palavra deve ser dita para precisar o que representa para M. Francisca a virtude da *humildade* e da *pobreza*. Acima de tudo ela as considera valores ligados ao caminho vitorioso, que à luz da revelação, assumem para ela um claro significado cristológico, porque manifestam a pessoa de Cristo na dimensão de sua *kenosi*.

No entanto, esta intuição já faz parte do caminho eclesial de aprofundamento do mistério de Cristo. A partir da Idade Média na Igreja foi delineado a relação íntima que existe entre o *homem viator* (peregrino sobre a terra) e os mistérios da vida de Cristo a partir do aspecto da *pobreza-humidade* (cfr. Francisco de Assis) e a *pequenez* (cfr. A intuição de Teresa di Lisieux no séc. XIX). Para Francisco de Assis a humildade, não representava uma virtude e nem menos uma qualidade de Cristo, mas a própria pessoa do Verbo em seu movimento de despojamento gerado pela *kenosi da encarnação, da Paixão e da Eucaristia*⁴⁷.

Exatamente sob este aspecto se percebe a profunda sintonia da experiência espiritual de Francisca Streitel com o sentir franciscano da humildade, referindo-se à *kenosi cristológica*⁴⁸.

⁴⁷ Cfr. C. CARGNONI, *humidade, humilhação em: Dicionário Franciscano (Umiltà, umiliazione in Dizionario Franciscano)*, Edizioni Messaggero Padova, 1983, coll. 1871-1874

⁴⁸ Provavelmente Streitel tenha tido acesso às fontes hagiográficas franciscanas, pensamos particularmente na *Vita Beati Francisci* mais conhecida como *Legenda Maior* de São Boaventura. Na qual está presente (na primeira parte) o tema central da graça misericordiosa de Deus, que se faz presente na história por meio de seu servo Francisco de Assis, seguidor e imagem de Cristo Crucificado, enviado ao mundo como exemplo para a salvação de todos. Nestes textos é precisada a ação da graça em Francisco por meio de um forte contraste entre a condição humana e a ação misericordiosa de Deus. O santo é também indicado como o «verdadeiramente pobre e penitente», evidenciando o seu amor pela

A intenção profunda de seu coração é aquela de modelar a própria vida, com a ajuda da graça, nos moldes do mistério cristológico, penetrando na profundidade do evento da Encarnação, da Paixão Redentora do Senhor e da Eucaristia. O método para atingir tal objetivo, como dissemos, harmoniza-se com o tradicional caminho de perfeição da Igreja, fato de extrema abertura à graça do Espírito, de um radical trabalho de purificação interior e de obediência à Palavra de Deus. M. Francisca colhe as múltiplas facetas da economia da redenção por meio de uma assídua meditação dos mistérios da vida de Cristo, de modo todo particular o mistério da encarnação, da infância de Jesus, da filiação divina do Verbo Encarnado, o mistério da Paixão, do Corpo chagado do Crucificado e pela dimensão interior do Coração Eucarístico de Jesus⁴⁹. A persistente reflexão sobre Cristo, o Servo Sofredor e Filho do Pai, gerou em seu coração uma atração intensa para com a humildade e a pobreza, percebidas como condição a ser encarnada para adquirir as próprias atitudes e sentimentos com os quais Cristo nos salvou.

Ela encontra uma substancial ajuda para percorrer o caminho da conversão e da transformação em Cristo, na liturgia eucarística, na leitura da Palavra Sagrada, na oração nos textos espirituais, nas meditações edificantes e não último na interpretação evangélica dos acontecimentos da própria vida: alegrias, provações, contradições e sofrimentos que não lhe faltam nunca. O amor por Cristo Crucificado torna-se assim um conhecimento sapiencial de como viver no Espírito centrando-se na pobreza, na abnegação (sacrifício de si) e sobre a espoliação de tudo que não é Deus.

humanidade (considerada pela tradição acética cristã como o fundamento mais concreto do espírito de aniquilamento que deve animar o verdadeiro discípulo de Cristo. Além disto, nesta biografia é abordado um tema caro a M. Francisca, o aniquilamento de Cristo como fundamento da humildade do qual Cristo é o Mestre. Além destas virtudes Boaventura coloca a pobreza como o fundamento de todas as virtudes, porque esta possui uma raiz cristológica, como escreve: «Entre os outros dons da graça que Francisco recebeu do generoso Doador, merece a singular prerrogativa de crescer nas riquezas da simplicidade através do amor pela altíssima pobreza. O Santo homem vendo que esta virtude íntima amiga do Filho de Deus, era rejeitada por quase todo mundo, desejou ardentemente esposar-la amando-a com eterno amor» (Cfr. *Leggenda Maggiore di San Bonaventura* VII, 1,1-2, em *Fontes Franciscanas. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Escritos e biografias de Santa Clara de Assis* 1982³, 889). Esta maneira de expressar o amor à pobreza encontra-se também nas cartas de Francisca da Cruz de maneira extremamente similar, onde encontramos a citação exatamente deste próprio texto. Mesmo que esta passagem da *Legenda* faça parte também da *Vita seconda di Tommaso da Celano*, no entanto, pelo modo de apresentar a pobreza, no contexto de uma rigorosa defesa diante daqueles que a desconsideram, pela configuração cristológica e pela apresentação unida à virtude da humildade e da obediência parece-nos que foi derivado de São Boaventura. De fato, a principal chave hermeneutica da *Legenda* de São Boaventura é cristológica, perfeitamente ligada à visão de um Francisco como *o mais perfeito imitador de Cristo*. Cfr. F. URIBE, *Il Francesco di Bonaventura. Lettura della Leggenda Maggiore*, Edizioni Porziuncola, Assisi 2003, p. 25. 216. 512.

Em relação a tudo quanto dissemos trazemos a seguinte passagem de uma carta a Pe. Jordan de M. Francisca: «Meu Pai, a luta que teve que suportar sua filha por anos por esta filha do céu, a santa pobreza, só Deus sabe; o quanto sofreu ao ver que a esposa do Senhor era tida em pouca consideração em sua casa paterna; calava-me e recomendava com minha alma em dor este amor pela pobreza necessitado de renovação, ao amante desta virtude. Fui chamada e atraída e segui este chamado somente depois de uma ordem da santa obediência; praticava a pobreza com imperfeição, como todos, mas desejava praticá-la segundo o exemplo de meu veneradíssimo pai Francisco». Cfr. Lettera di M. F. Streitl a Giovanni Francesco Jordan, del 6-3-1883, in LGFJ, p. 63, par. 2.

⁴⁹ Cfr. F.M. LËTHEL, *Il mistero dell'amore materno. Alla luce della venerabile Conception Cabrera de Armida e del Servo di Dio Monsignor Luis M. Martin*, Religiose della Croce del S.C. di Gesù, Roma 2010, 16.

Desta maneira M. Francisca manifesta com a própria vida uma verdade teológico-espiritual incontestável: o conhecimento e a união com Deus passa necessariamente pela experiência e acolhida de Jesus Cristo e do Verbo da Cruz⁵⁰. Ela evidencia com seu agir suas palavras que tal iluminação derivante da graça do Crucificado-Ressuscitado, é proporcional ao grau de humildade e de pobreza atingidas por meio do exercício da fé, da esperança e da caridade e uma viva dor pelos próprios pecados⁵¹. Portanto, a entrega de M. Francisca encontra seu pleno significado na luz do dom que o Pai fez aos homens na pessoa do Filho. A oferta que ela faz de si a Deus, é continuamente renovada e protegida da superficialidade na oração assídua e contínua, por meio da qual atinge um alto grau de penetração dos mistérios divinos. Em união com Cristo e com Maria vive a dimensão contemplativa na vida ordinária, deixando que a graça do Espírito modele seus pensamentos, seus desejos e suas ações segundo a vontade de Deus.

O exercício da pobreza⁵² (considerada a mãe de todas as virtudes) e da humildade permite a M. Francisca viver sua vida como prolongamento do mistério de pobreza e humildade de Cristo:

«A graça ensinou-me duas orações: uma diz: “Senhor, coloca-me sob seus pés e faz-me em contrapartida ressurgir em seu coração santíssimo”⁵³, a outra: Senhor, desejo possuir mil vidas e por ti desejo sacrificar cada uma delas, em inefáveis tormentos”. O fruto de ambas as orações é um intenso amor a Deus e ao próximo que se une ao amor mais fervoroso pela santa pobreza. A propósito desta última virtude diga-me alguma coisa; apenas a palavra “pobreza” toda meus ouvidos, tudo em mim experimenta uma santa alegria. [...] Quem é verdadeiramente pobre é também devoto e obediente. A pobreza para mim é a mãe das virtudes religiosas»⁵⁴.

6.1 Os pobres, presença do Crucificado

⁵⁰ Lembramos aqui as palavras de Boaventura de Baghoregio (1217-1274): «Ninguém entra diretamente em Deus senão por meio do Crucificado» *Itinerarium mentis in Deum, Prol.*, 3. Ed. It. S. MARTIGNONI-O. TODISCO, Città Nuova, Roma 1995. Ed ancora: «Morremos, portanto, e entramos na escuridão, impomos o silêncio da solidão, à concupiscência, aos fantasmas: Caminhamos com Cristo Crucificado deste mundo ao Pai, a fim de que, mostrado para nós o Pai, digamos como Felipe: *Isto nos basta*» *Itinerarium mentis in Deum*, VII, 6.

⁵¹ À prova de que certas experiências não são de determinadas épocas, mas dependem da efusão do Espírito Santo no coração dos fiéis e indica a pertença a Cristo, trazemos expressões de Chiara Lubich, figura relevante na espiritualidade contemporânea. Ela afirma: «Virtude que une a alma a Deus... é a humildade, o esvaziamento de si: o menor item de humano que não se deixe assumir pelo divino, rompe a unidade com grave consequência. A união da alma com Deus, que há em si, pressupõe o aniquilamento total, a humildade mais heróica... a unidade com as outras almas, atinge-se também, por meio da humildade: aspirar constantemente o “primado” em colocar-se constantemente o mais possível a serviço do próximo. Toda alma que deseja realizar a unidade deve possuir um só direito: servir a todos por em todos serve-se a Deus... como São Paulo livre de sujeição fez-se servos de todos para ganhar para Cristo o maior número possível (cfr. 1 Cor 9,19)» L. LUBICH, *Ladottrina spirituale di Chiara Lubich*, Città Nuova, Roma 2009², 54-55.

⁵² A referência à pobreza frequentemente há uma conotação esposal em seus escritos, a pobreza habitualmente é chamada por M. Francisca de: *Esposa do Senhor, Esposa do Pai, Esposa do céu*.

⁵³ Cfr. Fil 2, 8-9

⁵⁴ Lettera di M. F. Streitl a Giovanni Francesco Jordan, del 18-2-1883, in LGFJ, p. 37, par. 3.

Vivendo a experiência desta comunhão de amor com o Redentor, exige que tudo nela seja à imagem de Cristo pobre e obediente, até mesmo a vontade (“pobre na vontade”)⁵⁵, para poder participar plenamente em sua missão⁵⁶. Portanto, M. Francisca não coloca limite à sua entrega, não estabelece restrições, condições ou reservas, sua intenção será sempre a de corresponder à Palavra do Evangelho por meio de um exercício contínuo da humildade, da pobreza e da obediência⁵⁷, para amar o Pai e os irmãos, especialmente os pecadores, como Jesus os amou. O amor pelos pobres, os sofredores, os pequenos, marca o caminho de sua vida espiritual de modo indelével, eles são reconhecidos como aqueles nos quais Jesus estabelece sua morada e como aqueles nos quais mais se mostra a pobreza do Filho encarnado. Recordando o período de sua entrada no Carmelo afirma:

«Eu amava fervorosamente os doentes e o Senhor sempre se preocupou em satisfazer esta minha inclinação, dando-me sempre coirmãs gravemente doentes. Eu amava tanto os pobres; estes e as crianças dificultaram muito o seguir a vocação do Carmelo»⁵⁸.

A dedicação de M. Francisca a Deus e aos irmãos, encontra seu fundamento no ágape cristológico com a qual conserva uma sólida união que influi sobre sua atividade apostólica. Um olhar sobre seu epistolário nos tornará conscientes de como a realidade cristológica é recorrente em sua experiência e palavras. Por exemplo, nas cartas a Pe. Jordan encontramos: Cristo (19 correspondências), Jesus Cristo (1 correspondência), Senhor (446 correspondências, quase todas aplicadas a Cristo), o Esposo (2 correspondências), Redentor (56 correspondências), Salvador (13 correspondências) e Cordeiro (2 correspondências).

Na encarnação, Deus desceu ao que é mais pobre e desprezível e M. Francisca escolhe viver o mistério desta pobreza, servindo os mais pequenos, os mais pobres e assumindo sobre si, exatamente aquela pobreza de Cristo desprezada por aqueles que deveriam amá-la (sacerdotes e religiosos).

⁵⁵ «Meu pai, qual grande graça é aquela de poder ser “pobre na vontade”; posso dizer que encontrei tanta vontade supérflua exatamente nas almas que com grande severidade se entregam às obras de penitência externa mas que, ao mesmo tempo, permanecem obstinadamente agarradas a coisas baixíssimas e às próprias imaginações, às vezes bastante limitadas» Cfr. Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del settembre 1883, in LGFJ, p. 143, par. 1. (podemos confrontar tais expressões com aquelas de Santa Tereza de Jesus no *Caminho da Perfeição*, 39,3 e no *Catelo interior*, Quarta mansão, 11 (Ed. Postulazione Generale dei Carmelitani, Roma 1985).

⁵⁶ Se quisermos fazer um confronto com os místicos carmelitas, bastará ver o que Tereza Benedita da Cruz (Edith Stein), para o IV centenário de São João da Cruz (1542-1942), escreve em sua obra de comentário à doutrina e à espiritualidade do místico. Em *Scientia crucis* (Edizioni OCD, Roma Morena 2003), relata como o santo compreendeu a união com Cristo: «*Se deseja ter participar em sua vida [de Cristo], deve passar com ele por sua cruz: como ele crucifica a própria natureza com uma vida de mortificação, de auto renúncia e abandona-se à crucificação no sofrimento e na morte, como o Pai dispor e consenti. Quanto mais perfeita for esta crucificação, ativa e passiva, tanto mais será a união com o Crucificado e mais rica a participação na vida divina*» *ibid.*, 34

⁵⁷ Cfr. Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del febbraio/marzo 1883, in LGFJ, p. 56, par. 1.

⁵⁸ Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 11-12-1883, in LGFJ, p. 199-200, par. 3.

«Não se deixe espantar pelo aspecto rude desta pérola (a pobreza). Uma vez reconhecido o valor interior, a alma que a ela se esposar a amará tanto, que tudo nela se tornará atraente. Ao contrário, deve-se desculpar aqueles que, amando tanto esta princesa dos céus, pareça exagerar em demonstrar seu amor pela esposa. Este é o sinal do verdadeiro amor: que nós a adotemos como sujeito de nossa veneração de tal maneira a tornar-se um em e com “ela”, de maneira a não nos envergonharmos de praticar aquilo que para os outros parece desprezível»⁵⁹.

Jesus é considerado por ela como o “seu Mestre divino” que na escola da pobreza e do sofrimento⁶⁰ a plasma e a prepara para “*desenvolver a tarefa que a eterna misericórdia pede*”⁶¹.

Na escola do Crucificado, M. Francisca experimenta aquela tensão interior típica dos santos, que olham com desejo o céu, como lugar da plena comunhão com Deus, mas com alegria e presteza, em imitação de Cristo, tornam-se disponíveis sobre a terra a um serviço de amor para com os mais fracos. A santa vontade de Deus possui a prioridade absoluta sobre cada um de seus desejos, mesmo que isto signifique a renúncia de um estilo de vida mais contemplativo de oração, de penitência e de solidão. À luz do Espírito intui que seguir a Cristo e sua vontade significa para ela, acima de tudo, unir-se à *ação* (ao serviço ativo ao próximo) e à *contemplação* (oração de união com Deus). Em outras palavras, para Francisca da Cruz é conferida a tarefa, na Igreja, de viver e atuar o Evangelho, seja na solidão e na oração ou no meio dos homens de seu tempo, tornando-se próxima dos pobres, dos pecadores e dos últimos.

Seu caminho vocacional consistirá em reviver em si o mistério de Cristo testemunhando o amor de Deus ofertado a cada homem e atuando em sua vida as palavras do Senhor que a chama a plena comunhão com Ele no serviço: «*Se alguém me quer servir, siga-me; e, onde eu estiver, estará ali também o meu servo*» (Jo 12,26).

7. Maria a Mãe do Belo Amor

Neste ponto é necessário acenar ao fato que M. Francisca compreendeu que onde se encontra Jesus Cristo ali também está Maria sua Mãe. A Bem Aventurada Virgem está fortemente presente em sua experiência carismática, e é vista na perspectiva de *sua maternidade espiritual* para com todos os homens. Em particular é valorizada a *mediação materna* de Maria através da qual a Mãe do Senhor introduz a alma do crente em Cristo. Por detrás desta atitude de amor e devoção de M. Francisca, aparece a consciência da importância que a Mãe do Senhor reveste para a vida da Igreja em força de seu papel na economia salvífica. Por tal razão, junto às coirmãs, dirige todo gênero de oração e súplicas, invocando-a com os múltiplos títulos presentes na tradição eclesial.

⁵⁹Cfr. Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 25-6-1883, in LGFJ, p. 116-117, par. 3.

⁶⁰ Cfr. Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 12-7-1883, in LGFJ, p. 122, par. 3.

⁶¹Cfr. Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 26-2-1883, in LGFJ, p. 48, par. 1.

Em suas cartas M. Francisca descreve Maria, como aquela que conduz os fiéis à fonte do amor divino, ao monte santo de Deus, encarnando a mesma função eficaz de guia, antecipada por Moisés (At 3,15; cfr. At 7,36.38). Em particular comunhão com o Espírito Santo Maria é considerada a guia potente e segura que conduz a Cristo.

A fecundidade de Maria enquanto Mãe da Igreja, se expressa no fazer renascer o fiel para Cristo, no fazer-lhe possuir Cristo como *a esposa possui o esposo*, no fazer com que o coração do homem torne-se morada de Deus. Maria introduz à união com Cristo, o Belo Amor, do qual ela é Mãe:

«A mãe do Belo Amor⁶² nos introduza nos recantos sagrados do amor de Deus, para que possamos permanecer sob a cruz como ela. O precioso sangue de Jesus Cristo⁶³ seja o balsamo de salvação para que todos os membros de Cristo possam comparecer purificados diante de Deus.»⁶⁴.

O ser com Maria e como Maria, significa acolher plenamente o amor de Deus que se manifesta no Filho a partir da encarnação ao mistério pascal, ou seja, conformar-se a ele, mas tudo isto com a essencial ajuda de Maria que é esperança, conforto, ajuda, conselho, educadora, protetora, guia e modelo para todo fiel no caminho da redenção. A Mãe de Deus é considerada em sua presença de consoladora, no seu ser mãe de todos os homens, Virgem, Mãe Dolorosa, Serva, Esposa, Humilde, Rainha, Virgem Consagrada e dedicada a Deus, pobre a ponto de receber tudo de Deus etc.. Por isto M. Francisca inspirou-se em confiar nela o caminho do Instituto, e em relação à

⁶²Queremos insistir no sentido do título *Maria Virgem Mãe do Belo Amor* dado à Virgem Maria pela tradição eclesial. No Missal Romano (ed. 1962), em vigor até a promulgação do Missal renovado segundo as normas do Concílio Vaticano II (ed. 1970), na estação intitulada *Pro aliquibus locis*, na data de 09 de maio (por algum tempo 31 de maio), se encontra a missa da *beata Virgem Maria Rainha de todos os santos e Mãe do Belo Amor* (pp. 157-158). A expressão «mãe do puro amor» se encontra em Sirac 24,24. «Eu sou a mãe do belo amor e do temor, do conhecimento e da santa esperança» -, e a partir do século X é usado freqüentemente nas missas em honra de Nossa Senhora. A Igreja, celebrando o mistério e a função da Bem Aventurada Virgem Maria, conforme a tradição tanto do Oriente como do Ocidente, contempla com alegria sua beleza espiritual. A beleza e o esplendor da santidade e da verdade de Deus, «fonte de eterna beleza» (cfr Colletta 2) e também a imagem da fidelidade de Cristo, o mais belo «entre os filhos dos homens» (Coleta 1; SI 44 [45],3). A Bem Aventurada Virgem por três motivos é considerada «bela», isto é, amável e pura: porque sendo «cheia de graça» (Lc 1,28) e «enriquecida com os dons do Espírito» (Coleta 3), «é revestida da glória do Filho e adornada de toda virtude» (Coleta 2); porque de modo mais puro amou apaixonadamente Deus, o seu admirável Filho e todos os homens, com um amor virginal, sponsal e materno; porque participou esplendidamente do mistério da concepção e do nascimento de Cristo, como também de sua morte e ressurreição (cfr. Prefácio), aderindo com a doçura e a força de amor em perfeita sintonia ao desígnio salvífico de Deus. Para celebrar a beleza espiritual da Virgem Maria, o formulário usa figuras e imagens bíblicas e patrísticas às vezes propostas pela Sagrada Liturgia. Na Virgem Maria que é «toda bela» e «sem macha» (cfr Salmo Responsorial, Ct 4,7), encontra-se, levada à perfeição, as egrégias virtudes das mulheres do Antigo Testamento: a beleza e o amor da esposa do Cântico dos Cânticos (cfr Antífona de ingresso 2, Ct 6,10; Salmo Responsorial); a beleza e a sabedoria de Judite (cfr. Antífona da Comunhão 1, Jt 11,21); o esplendor e a graça da Rainha, esposa do Rei Messiânico (cfr. Antífona de comunhão 2, SI 44[45],3). O «caminho da beleza» é o caminho da perfeição cristã; os fiéis que a percorrem «junto com Maria» (Oração sobre as ofertas) são ajudados «a progredir no caminho do santo amor» (Oração depois da Comunhão) e se voltam para Deus, «porque repudiando a torpeza do pecado (se enamoram) pela beleza incorruptível» (Coleta 3). Cfr. <http://www.maranatha.it/Messale/BVM/coverpage.htm>.

⁶³ Cfr. 1Pt 1, 19.

⁶⁴ Lettera di M. F. Streitel *ad Hedwig*, del 11-7-1898, in LGSE, p. 53, par. 7.

nova fundação, invocará de modo particular com estes títulos: Mãe, Mãe de Deus, Mãe Dolorosa, Mãe do Instituto, Mãe do Belo amor, Mãe do coração materno, Mãe das sete dores, única Mãe, a Mãe das graças, Mãe amada, Mãe divina, Mediadora, Protetora, Manto, Guia e Modelo⁶⁵.

Assim, M. Francisca acolhendo a totalidade do desígnio salvífico não pode deixar de afirmar a posição de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, porque tal relação pertence à lógica da encarnação e da redenção. A meditação de Jo 19,25-27, onde Maria aparece debaixo da cruz no ato de acolhida da nova maternidade que o filho lhe oferece, guiará M. Francisca e suas coirmãs a imitar o discípulo amado em reconhecer a maternidade espiritual de Maria como essencial ajuda para abrir-se ao dom da vida nova em Cristo.

Conclusão: *M. Francisca da Cruz na Igreja de seu tempo*

O horizonte do desígnio divino envolveu uma *humilde mulher* do século XIX e a imergiu no amor do Tu infinito de Deus, chamando-a a seguir o ritmo do passo divino-humano de Cristo, para amar com seu próprio amor o *tu de cada homem*. M. Francisca tornou-se assim um sinal de *contradição* em um contexto histórico-social-cultural, no qual a Igreja era chamada a defender a própria identidade diante da sociedade moderna. Uma época marcada pelo isolamento do mundo religioso por causa dos movimentos anticlericais, das doutrinas liberais⁶⁶, socialistas, laicas, modernistas e das filosofias atéias.

A experiência espiritual de M. Francisca demonstra que também em um século no qual a referência ao transcendente é fortemente rejeitado, o Espírito pode suscitar figuras de “Santos” dotados pela capacidade de ler os “sinais dos novos tempos”, para formular à luz divina respostas adequadas da Igreja aos males contemporâneos⁶⁷.

⁶⁵ Para a formulação de parte deste parágrafo inspiramo-nos no texto do magistério de M.R. PORCU, .

⁶⁶ A propósito do Liberalismo John Henry Newmann, contemporâneo de M. Francisca, em seu famoso *Discurso do bilhete*, pronunciado por ocasião de sua nomeação como Cardeal, sustentava: «Não nos esqueçamos que no pensamento liberal há muita coisa boa e de verdade; basta citar por exemplo, os princípios de justiça e de honestidade, sobriedade e auto controle, benevolência como já observei, estão entre seus princípios mais proclamados e constituem leis naturais da sociedade. É somente quando nos damos conta de que esta bela lista de princípios intenta colocar à parte e cancelar completamente a religião que nos sentimos constrangidos a condenar o liberalismo». Retomado pela “La Civiltà Cattolica” n. 3849, 6 novembre 2010, Anno 161, 227-231.

⁶⁷ Cfr. L. BORRIELLO, *La spiritualità cristiana nell’età contemporanea*, Borla, Roma 1985, 80-86; S. XERES, *La Chiesa corpo inquieto. Duemila anni di storia sotto il segno della Riforma*, Ancora, Milano 2003; L. DATTRINO-M.P. MONTEMURRO, *Un popolo in cammino. Lineamenti di storia della Chiesa*. Vol. 3, *L’età contemporanea*, Edizioni Messaggero, Padova 2005; G. MARTINA, *La Chiesa nell’età dell’Assolutismo, del Liberalismo, del Totalitarismo*. Vol 3. *L’età del Liberalismo*, Morcelliana, Brescia 1988⁷; ID., *La Chiesa nell’età dell’Assolutismo, del Liberalismo, del Totalitarismo*. Vol 4. *L’età del totalitarismo*, Morcelliana, Brescia 1989⁷.

Maria Francisca da Cruz vive em plenitude este momento histórico, avaliando com preocupação o afastamento de Deus pela época moderna, sofrendo por causa da incapacidade da sociedade e da cultura em buscar a verdade e o sentido do existir da pessoa humana⁶⁸.

Ela também compreende à luz dos acontecimentos socio-político-culturais, a inegável dificuldade da Igreja em manter um diálogo profícuo com estas novas estâncias, considerando ao mesmo tempo como a nova situação pressupõe uma comunidade cristã interiormente renovada. Portanto, o seu empenho será profuso em ouvir a voz do Espírito para encarnar aquele estilo de vida cristã, ativamente rejeitado em direção a um empenho de reforma, finalizando em uma séria renovação da vida religiosa, presbiteral e laica de seu tempo.

Em apoio a este esforço contribuirá a formação recebida por ela precedentemente no âmbito específico do catolicismo alemão na segunda metade do século XIX. Este deve muito em termos de renovação teológica, espiritual e pastoral ao grupo de teólogos pertencentes ao assim chamado *Círculo de Múnaco*. Nasceu ao redor da universidade de Múnaco, que sob a orientação do filósofo leigo Franz Von Baader, do teólogo Johann Adam Möhler e do pastoralista Johann Michael Von Sailer oferecem “a base para muitos movimentos de renovação na Alemanha depois do período do Iluminismo e da secularização”⁶⁹.

Os impulsos do estudioso da mística cristã Joseph von Görres (alma do *Círculo de Múnaco*) e do *Círculo de Múnaco* foram determinantes para a futura atividade da Serva de Deus nos setores da pastoral e da formação do povo. Neste centro de renovação católica M. Francisca recebeu indicações a respeito da interconexão e da interdependência entre religião e identidade do povo, entre Igreja e Estado, entre trabalho, vida e religiosidade aos quais retorna várias vezes. Neste ambiente Streitel entrou em contato com as correntes de renovação católica da qual adquiriu suas

⁶⁸Escrevendo a Pe. Jordan, Streitel reflete: «Nós estamos atravessando uma crise espiritual. Parecida com a do século XVI conhecido como o século dos santos, mas que pode ser também chamado de século da rebelião contra Deus e suas leis; o século XIX apresenta dois extremos: por um lado olha-se a perfeição através da abnegação de si mesmo e uma severa prática da penitência; por outro lado aspira uma vanglória e grandeza fictícias, e inclusive nas pessoas que deveriam servir de modo particular o Senhor com humildade de espírito e abnegação. Há um orgulho por coisas que são apenas negação das verdades eternas reveladas, de fato até mesmo uma negação do Deus pessoal; deseja-se uma liberdade pecaminosa e se afasta com orgulho de Deus, dizendo “não desejo servir-te”; arasta-se atrás de toda orientação estatal e se entrega com alma e corpo à perdição eterna» Lettera di M. F. Streitel a Giovanni Francesco Jordan, del 25-3-1883, in LGFJ, p. 88, par. 2.

⁶⁹ Seus efeitos do ponto de vista sócio-político não permaneceram circunscritos à Europa. Esta universidade, fundada em 1472 em Ingolstadt e inaugura em Múnaco em 1826 – depois de uma transferência de dois anos para Landshut (1800 a 1802) – contribuiu de maneira essencial para tornar esta cidade em um centro de cultura e de ciência alemã e européia durante o século XIX.

primeiras cognições para a renovação cristã da reforma⁷⁰, determinantes nos anos da *Kulturkampf*, movimento que nos anos 70-80 do século XIX estava em sua fase mais aguda e decisiva⁷¹.

O encontro com o mistério de Cristo na Igreja, desenvolvido e aprofundado ao longo de sua existência, dará a M. Francisca a justa inspiração e maturação, para um testemunho eficaz de santidade diante das novas instâncias do mundo moderno, por meio de uma vida feita de oração e de ação apostólica. A nova Fundação, iniciada por ela, encontrará inspiração para suas linhas programáticas na mensagem de Francisco de Assis. Tal obra de fato é o modo com o qual Deus a chamou a colaborar na missão de renovação da Igreja, na promoção da pessoa humana, no crescimento espiritual do povo de Deus e de todos que vagam distantes da fé.

A Igreja hoje a declarou venerável reconhecendo sua contribuição em benefício do corpo eclesial e da humanidade.

⁷⁰ «A serva de Deus freqüentou nestes ambientes de vários cursos de catequese. (Cfr. *Novissima Positio, Relatio et Vota* sulla seduta dei Consultori Storici tenuta il 24 febbraio 2004, vol. III, 42). Diga-se ainda que especialmente a obra «*A Mística Cristã*», na qual Joseph vom Görres procurou resolver o contraste entre ciência natural e teologia com a doutrina da harmonia entre corpo e espírito, teve uma vasta difusão e um marcado efeito no âmbito teológico-espiritual (Cfr. ID., *Die christliche Mystik*, 5 voll., Verlag von G.-J. Manz, Regensburg 1836-1840).

⁷¹ «depois da fundação do império em 1871 desenvolveu-se na Prússia e em todo império alemão entre Estado e Igreja Católica o conflito chama *Kulturkampf* – também chamado de luta pela civilização. O protagonista foi o Chanceler Otto von Bismarck, apoiado pelos liberais, os quais viam na luta pela civilização não apenas uma política de abolição dos privilégios eclesiásticos, mas a afirmação de um conceito positivo e laico da “cultura”. Iniciou-se com a proclamação do dogma da Infabilidade, culminou em maio com a lei, pela qual tanto a hierarquia eclesiástica como os institutos religiosos foram colocados sob o controle estatal. A política do *Kulturkampf* em 1877 começou a regredir por causa de Leão XIII que assume o trono pontifício e pela necessidade de Bismarck em relacionar-se com o partido católico *Zentrum*». Cfr. L. BORRIELLO - G. DELLA CROCE - B. SECONDIN, *La spiritualità*, 84-86.